

ELLE *criadores*

DESIGNER POR AMOR

No mês em que comemoramos o nosso aniversário, falamos com um dos mais incontornáveis criadores nacionais: FILIPE FAÍSCA. Porque a moda, como as celebrações, é melhor partilhada. Por LÍGIA GONÇALVES

Há qualquer coisa de especial em Filipe Faísca, o criador que parecemos conhecer desde sempre. Mas não. Apresentou a sua primeira coleção em 1992 na ModaLisboa, parou por 14 anos e regressou em 2006 à mesma plataforma, onde se mantém até hoje. Mas para o público, independentemente da faixa etária, o nome de Filipe Faísca carrega uma autoridade que é rara na cena de moda portuguesa.

Vencedor do Globo de Ouro para Melhor Estilista, na última edição da entrega de prémios, em maio de 2015, o criador conta-nos que foi a «necessidade de comunicar» que o levou ao mundo da Moda. Quando lhe perguntamos porquê a Moda, explica que foi «primeiro através do tecido, através da estética e através do belo». «Era o que me rodeava, desde cedo. Eu nasci no silêncio e vivi muito tempo no silêncio. E ao fim de muito tempo consegui transmutá-lo e perceber que essa solidão em que o silêncio me envolveu me fez sobretudo comunicar com os objetos e perceber a sua linguagem. Lembro-me perfeitamente do padrão das cortinas do meu quarto de infância, uns patos num lago. E muito mais tarde percebi que aquilo que eu realmente sabia fazer era materializar o texto. E tive consciência dessa capacidade especialmente com a minha passagem pelo teatro.»

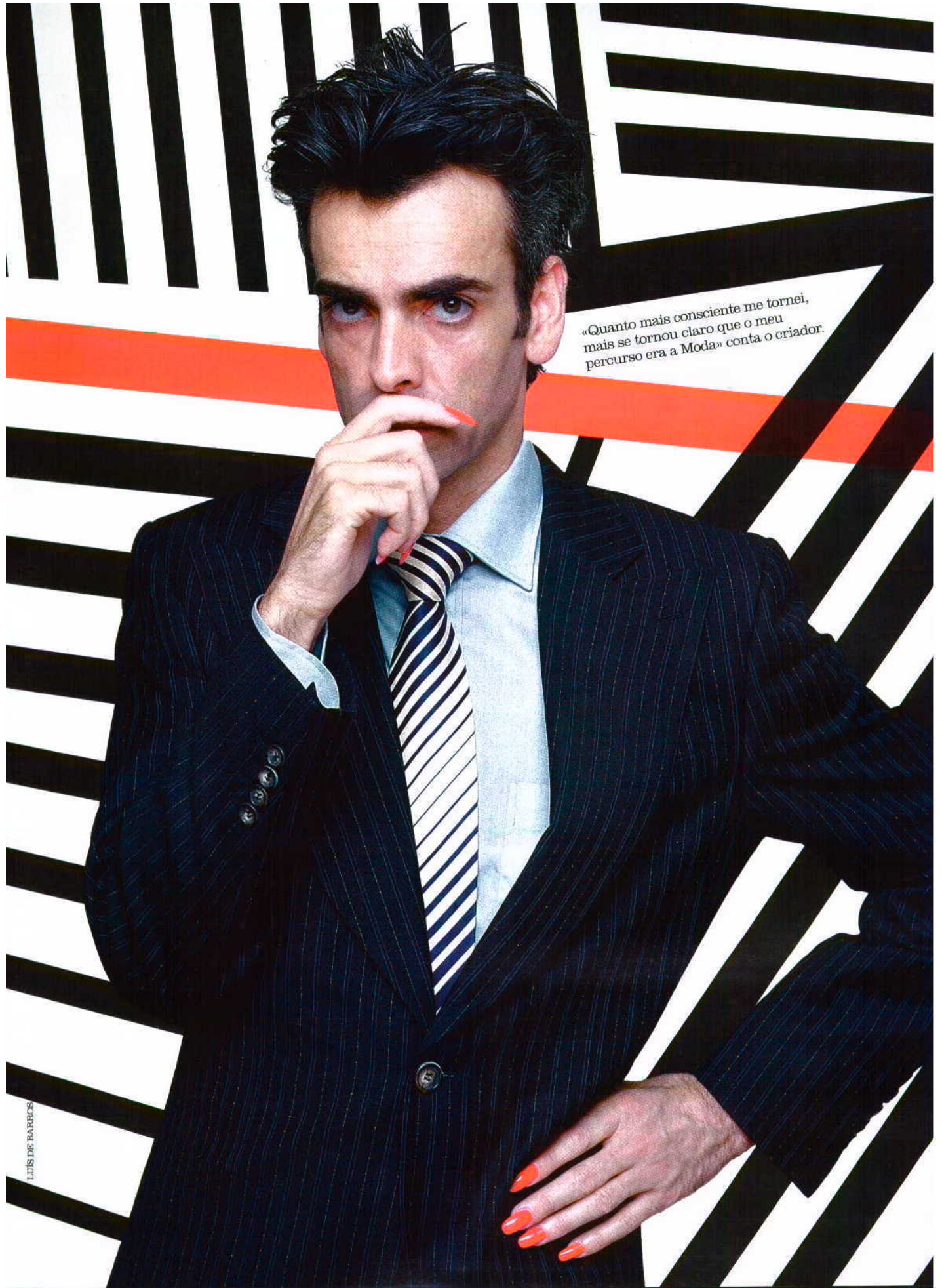
Uma passagem que acontece, precisamente, durante o hiato de 14 anos das passerelles nacionais. Aí, além dos

figurinos de teatro, trabalhou com Ana Salazar (no início da carreira, em 1993, um tempo que recorda com grande carinho) e desenhou e criou vários fardamentos.

A paragem de mais de uma década, essa garante que foi necessária, para, nas suas palavras, «reunir as condições essenciais» para a marca que idealizava. Estávamos em 2006, e desde ano até aos dias que correm, instalou-se a crise, mas o país, tal como o Faísca, sobreviveram-lhe com a resiliência de sempre, mas não sem uma dose de inquietude. «Houve coleções mais fracas que outras, devido a orçamentos e dificuldades. Tivemos de reduzir o pessoal. Já aconteceu não ter participado na ModaLisboa porque não reuni as condições» relata com a honestidade despuddorada que o público lhe conhece. Filipe não esconde nada, nem a alegria, nem a tristeza. Perfeccionista, mas com a dose certa de descontrolo, que lhe permite ceder ao inesperado sempre que necessário; terreno, mas sonhador; a marca que criou reflete no absoluto cada um dos seus traços de personalidade, cada uma das suas crenças, cada um dos seus valores. E a verdade é que é nessa transparência que reside a grande essência da Moda de autor.

Daí que, depois de ter estado ausente da edição da ModaLisboa para a primavera-verão 2014 (que aconteceu em setembro de 2013), Faísca tenha regressado como só ele sabe fazer: em grande, em festa. Convidou amigos do ▶

ELLE



«Quanto mais consciente me tornei,
mais se tornou claro que o meu
percurso era a Moda» conta o criador.



ELLE criadores

coração (que incluíram Sofia Aparício, Flor ou Leonor Poeiras, entre outros) e, em março de 2014, ofereceu ao público o mais que sempre lhe deu, que cria entre ambos um elo de ligação que parece ser indestrutível. Sobre o segredo para o conseguir, Filipe diz que há só um: «trabalhar com amor e sentimentos verdadeiros».

Foi precisamente o amor que guiou a última coleção que apresentou e que deixou a sala de desfiles, absolutamente cheia, do Pátio da Galé, em lágrimas. Juntando-se à Fundação Rui Osório de Castro (FROC), o criador ofereceu a nove meninas em tratamento no IPO de Lisboa, a oportunidade de participarem na criação da sua coleção. No final, as meninas desfilaram lado a lado com as modelos e a assistência, emocionada pela demonstração de coragem, chorou. Na passerelle, Sofia Aparício chorava também. E minutos depois, no backstage, ainda havia quem secasse lágrimas. O desenvolvimento da colaboração que tornaria o desfile de Faísca no mais falado da temporada começou, no entanto, vários meses antes, com dois workshops. Já o convite da FROC para a criação de uma parceria entre ambos surgiu um ano antes. «Na primeira reunião, ainda não tínhamos nenhuma ideia do que íamos fazer, até que eu perguntei à Mariana (Oliveira, diretora-geral da FROC) se ela tinha contacto com as crianças, e quando ela me respondeu que sim, aí eu disse-lhe: “quero começar do início, quero falar com as crianças e fazer um workshop de desenho com elas”.» conta. Daí para a frente a ideia de Faísca era clara: as crianças iriam criar um padrão para a coleção que ele usaria «fosse qual fosse o resultado». «Quando elas cá chegaram no primeiro workshop, a primeira coisa que eu lhes disse foi “eu preciso de ajuda”. E para quem, como elas, está a precisar de ajuda, ainda haver alguém no mundo que precisa de ajuda, significa que elas ainda têm energia para ajudar alguém. E o que isto representou para a autoestima delas, como a Mariana me confidenciou depois, foi verdadeiramente extraordinário.»

Entre o primeiro e o segundo workshop ficou ainda definida a participação das crianças no desfile. E se o primeiro foi para desenhar e para criar, o segundo pertenceu

O colar zipper é o acessório mais icónico da marca.



ao plano da materialização e concretização. «Foi a loucura! Primeiro porque perceberam que iam desfilarem, depois porque perceberam que os padrões iam, de facto, existir. E aí perceberam que tudo é realizável, que tudo se cria.»

Ainda que mais longe da exuberância que já marcou outras coleções suas e apesar da inevitável doçura acrescentada pelas nove meninas a algumas das peças, no Pátio da Galé, em março deste ano, era claro que este era um desfile Filipe Faísca. Inspirado pela energia de mudança do final dos anos 60, que representou com a intensidade do laranja e do índigo, o criador manteve ainda dois elementos habituais no seu trabalho: a atitude do rock e a sensualidade do négligée, permanecendo assim fiel à mulher da marca: feminina, mas masculina, sensual, mas forte, romântica, mas independente.

«Era essencial que existisse uma instituição que definisse os interesses da moda nacional.»

Ainda assim, apesar dos prémios (este Globo de Ouro foi o segundo), do amor do público e do impacto positivo das suas coleções, o designer continua a enfrentar dificuldades, fruto de um mercado ainda pouco desenvolvido no que concerne à Moda de autor. «Era fundamental que existisse uma instituição que definisse os interesses da Moda nacional, constituída por pessoas de várias áreas. Uma coisa séria, porque se nós não nos levamos a

sério, ninguém nos leva» diz. Sobre a forma como lida com as dificuldades garante, fazendo jus à sua personalidade de ação, que «não se pode pensar nisso. É preciso avançar». E é isso que Faísca, apesar das dificuldades inerentes ao percurso, está a fazer. Conta que, agora, está «a trabalhar para solidificar e assentar os pilares da marca» e que no futuro gostava de a ver internacionalizar-se.

E talvez por isso, pelo que sente que ainda tem para cumprir, quando lhe perguntamos se já concretizou todos os seus sonhos, responde-nos perentoriamente que «não». «Estou agora a começar tudo.» ■





NA PRIMEIRA PESSOA

«Senti um aperto no coração ao ver toda aquela plateia a aplaudir de pé, provavelmente pensaram para si: "Como é que aquelas meninas carequinhas conseguem estar aqui?" A verdade é que o cabelo é apenas um detalhe, mas não é isso que faz a verdadeira beleza, mas sim um simples sorriso» conta Cristiana Francisco, de 16 anos, sobre a experiência.

